

INDÚSTRIA

Indústria de transformação: reaquecimento inconsistente*

Flávio Benevett Fligenspan**

Terminado o processamento dos dados de produção física para a indústria de transformação brasileira no ano de 1992, o IBGE revelou, mais uma vez, uma taxa de crescimento anual negativa. Acumulados aos -9,41% e -0,55% de 1990 e 1991, os -4,94% de 1992 perfazem um resultado trágico de -14,42% durante o período do Governo Collor.

Ao se analisar o desempenho industrial durante 1992, verifica-se que ele foi atípico, pois apresentou uma produção em ascensão no primeiro e quarto trimestres e queda no meio do ano.¹ Com efeito, a boa safra agrícola, que foi um dos aspectos responsáveis pelo desempenho do primeiro trimestre, mesmo somada aos efeitos favoráveis do acordo da indústria automobilística, não foi suficiente para sustentar a produção dos trimestres seguintes. A isso veio se somar a crise política que antecedeu a votação do *impeachment* do Presidente Collor e que repercutiu negativamente sobre as decisões de produção e consumo. Confirmando a noção de atipicidade, o último trimestre do ano mostrou uma recuperação da produção, que se baseou em pequena melhora dos salários, estabilização da taxa de desemprego e, ironicamente, na insegurança gerada pela ausência de rumos definidos da política econômica. De qualquer forma, como mostra a Tabela 1, a recuperação do último trimestre do ano foi apenas capaz de amainar a taxa negativa anualizada, que chegou a ser de -5,90% em outubro e terminou o ano com uma posição melhor, em um ponto percentual.

O exame mais apurado da Tabela 1 permite concluir que, mesmo com a recuperação do final do ano, todas as categorias de uso e quase todos os gêneros chegaram a dezembro com taxas negativas de crescimento da produção. Mantiveram-se, todavia, os diferenciais entre as categorias e entre os gêneros, com alguns setores mostrando-se mais protegidos da recessão — como no caso dos bens intermediários — e outros mais vulneráveis.

* Este texto foi elaborado com informações disponíveis até 02.04.93 e contou com a colaboração do estagiário da FEE André Passos Cordeiro.

** Economista da FEE e Professor da UFRGS.

O autor agradece as sugestões das colegas Clarisse C. Castilhos e Daisy S. Zeni a uma versão preliminar do texto.

¹ Fugiu, portanto, da sazonalidade usual, em que o meio do ano se caracteriza por um movimento ascendente, culminando com um pico de produção anual em outubro.

Tabela 1

Taxas de crescimento anualizadas da produção industrial, do total da indústria de transformação, das categorias de uso e dos gêneros no Brasil — jan./92 - jan./93

das categorias de uso e dos gêneros no Brasil — jan./92 - jan./93														(%)
DISCRIMINAÇÃO	1992													1993
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	
Indústria de transformação.....	0,51	2,88	4,20	1,11	-0,30	-1,49	-3,03	-4,34	-4,98	-5,90	-5,63	-4,94	-4,27	
Categorias de uso														
Bens de capital.....	-9,60	-7,07	-5,12	-7,49	-8,08	-9,58	-11,35	-11,72	-11,53	-13,40	-12,90	-12,43	-10,74	
Bens intermediários.....	2,62	4,71	6,63	3,84	2,19	1,21	0,05	-1,04	-1,05	-1,77	-1,72	-1,07	-1,47	
Bens de consumo.....	0,30	2,34	2,49	-0,94	-2,08	-3,38	-5,33	-7,10	-8,17	-9,15	-8,63	-7,08	-5,90	
Bens de consumo duráveis.....	5,48	9,97	9,53	4,89	4,15	-0,10	-4,76	-7,66	-9,13	-9,71	-9,39	-7,79	-5,57	
Bens de consumo não duráveis.....	-0,93	0,56	0,85	-2,32	-3,53	-4,17	-5,47	-6,96	-7,94	-9,01	-8,44	-6,90	-5,98	
Gêneros														
Minerais não-metálicos.....	3,82	7,24	8,25	4,77	2,32	0,68	-1,09	-2,88	-4,49	-6,55	-8,22	-8,50	-8,24	
Metalúrgica.....	2,71	5,85	8,09	4,83	3,09	2,73	1,68	0,59	-0,18	-0,98	-0,96	-0,76	-0,91	
Mecânica.....	-10,77	-7,87	-6,17	-7,82	-8,58	-9,93	-10,52	-9,46	-9,10	-10,05	-10,34	-9,62	-9,38	
Material elétrico e de comunicações.....	-2,79	-0,55	-1,28	-3,82	-6,25	-9,55	-13,23	-16,57	-18,88	-20,59	-20,60	-18,40	-16,99	
Material de transporte.....	0,83	5,26	6,66	4,78	6,61	4,13	0,49	-0,47	-0,40	-1,18	0,66	0,91	3,44	
Papel e papelão.....	7,64	9,75	9,68	6,73	5,07	3,54	2,53	1,33	0,37	-0,48	-0,68	-0,96	-1,02	
Borracha.....	2,12	7,32	14,30	8,56	7,12	7,01	4,79	3,63	2,85	2,39	2,19	1,70	3,27	
Química.....	4,57	5,89	8,97	6,11	3,70	2,43	1,06	-0,99	-0,48	-1,68	-1,89	-2,09	-2,14	
Farmacêutica.....	2,02	4,00	5,29	0,27	-2,65	-3,09	-6,03	-8,81	-10,81	-13,44	-14,26	-14,08	-12,32	
Perfumaria, sabões e velas.....	7,31	8,88	7,60	1,40	0,91	-0,18	-0,50	-1,57	-3,28	-4,58	-2,82	-1,48	-1,36	
Produtos de matérias plásticas.....	-3,32	3,11	1,75	-4,03	-6,82	-8,16	-9,51	-10,70	-11,42	-11,65	-10,75	-9,79	-8,55	
Têxtil.....	-3,32	-1,18	-0,74	-4,36	-5,65	-5,65	-6,74	-7,62	-7,54	-7,31	-5,93	-4,04	-2,98	
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos.....	-12,83	-7,63	-11,76	-14,19	-15,60	-15,95	-16,63	-17,30	-17,56	-18,24	-16,58	-13,91	-11,46	
Produtos alimentares.....	3,84	4,55	4,33	2,43	1,33	0,72	-0,43	-1,48	-2,86	-3,01	-2,11	-0,68	0,27	
Bebidas.....	4,64	5,49	4,99	0,82	0,23	-4,30	-8,02	-11,56	-14,90	-17,66	-18,29	-18,10	-18,15	
Fumo.....	-1,27	-2,11	-0,36	-3,48	-0,28	3,61	6,03	5,76	3,48	2,77	3,46	4,80	4,29	

FONTE: IBGE.

NOTA: As taxas refletem a variação dos últimos 12 meses, até o mês de referência, em relação aos 12 meses imediatamente anteriores.

A nível dos gêneros, destacaram-se negativamente os ligados ao consumo, seja o consumo básico — como os casos de farmacêutica; vestuário, calçados e artefatos de tecidos; e bebidas —, seja o consumo vinculado a camadas de renda mais elevada, como o de material elétrico e de comunicações. Por outro lado, três gêneros lograram resultados positivos, ainda que tímidos, em 1992. São eles: material de transporte, pela influência favorável do chamado "acordo da indústria automobilística"; borracha, que se beneficiou do avanço das exportações de pneus; e fumo, pela repercussão da excelente safra agrícola. Aliás, os fatores dinamizadores desses três gêneros representaram os únicos impulsos positivos da indústria de transformação brasileira no ano anterior, pois, não fossem a boa safra agrícola, o incremento das exportações e o acordo do setor automobilístico, certamente o resultado geral seria mais intensamente negativo.

A recuperação pós *impeachment*

A recuperação dos índices de produção no último trimestre de 1992 foi tão nítida e tão ansiosamente esperada pela população que, mais uma vez — dentre tantas desde 1981 —, passou-se a discutir os temas "fundo do poço" da recessão e possível consistência da retomada do crescimento. Os Gráficos 1 e 2, construídos com dados **dessazonalizados** referentes à produção física do total da indústria de transformação e de alguns gêneros selecionados, evidenciam que a retomada realmente se verificou a partir do bimestre setembro-outubro, quando o clima de instabilidade política começou a arrefecer e houve a troca presidencial.

GRÁFICO 1

ÍNDICE DESSAZONALIZADO DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E DOS GÊNEROS MATERIAL ELÉTRICO E DE COMUNICAÇÕES E VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEFATOS DE TECIDOS NO BRASIL — 1992/93

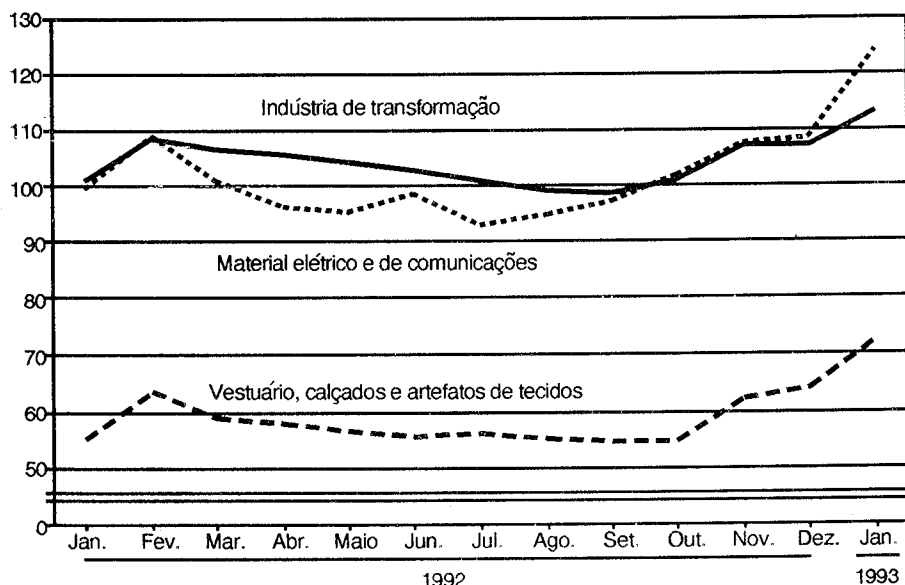
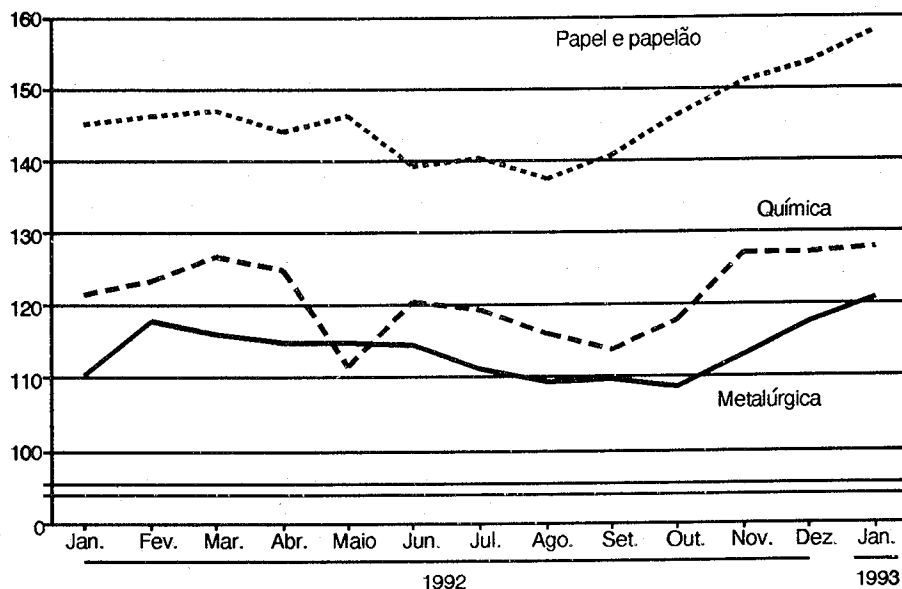


GRÁFICO 2

ÍNDICE DESSAZONALIZADO DA PRODUÇÃO DOS GÊNEROS METALÚRGICA, PAPEL E PAPELÃO E QUÍMICA NO BRASIL — 1992/93



FONTE: IBGE.

O Gráfico 1 mostra a evolução da produção do total da indústria de transformação e de dois gêneros ligados essencialmente ao mercado interno — material elétrico e de comunicações, que representa bens de consumo duráveis, e vestuário, calçados e artefatos de tecidos, indicador de um consumo mais popular —, com intensas variações no período dos últimos cinco meses. Já o Gráfico 2 seleciona três gêneros ligados à produção de bens intermediários e apresenta incrementos não tão intensos, apesar de permanentes.

O Governo Itamar, com uma composição incomum, pois buscou apoio em segmentos dos mais variados do espectro político nacional, logo tratou de lançar algumas medidas de impacto, ora pendendo para o populismo, ora coadunando-se com a presença de alguns representantes de alas mais progressistas. Assim, fatores importantes para o reaquecimento da demanda foram desencadeados rapidamente,

revertendo o clima de pessimismo do final do Governo anterior. É importante que se faça menção ao pagamento do reajuste dos aposentados e à nova regra salarial, que prevê uma perda menor do que a anterior.

Ironicamente, somaram-se a esses aspectos positivos — compondo o reaquecimento da demanda, principalmente por bens de consumo — outros tantos ligados à indefinição da política econômica e à conseqüente instabilidade das decisões dos agentes. O estilo intempestivo e personalista do Presidente, a troca de Ministros, a necessidade de subserviência constante para se manter no cargo, a ameaça quase semanal de imposição de controle de preços e, por fim, a própria ausência de rumos definidos acabaram por forçar um reaquecimento "doente" do mercado.² E ele é tanto mais "doente" quanto mais estiver baseado na especulação, no medo e na indefinição de rumos de médio e longo prazos para o País.

Quando, mesmo diante das mais baixas taxas de investimento calculadas pelo IPEA desde o final da Segunda Guerra, as autoridades econômicas se propõem a apenas "administrar" o caos e as elites empresariais não se mostram capazes de articular nada além de manifestações contra o IPMF — que, na verdade, objetivam esconder o "caixa 2" —, é muito difícil acreditar na consistência desse impulso de crescimento.

Indústria gaúcha: os números finais de 1992

Em um movimento de recuperação semelhante ao verificado a nível nacional, a indústria gaúcha também reverteu no final do ano a tendência de queda que prevaleceu de abril a outubro e terminou 1992 ostentando crescimento da produção. Ainda que se possa considerar que a taxa de crescimento de 1,85% é tímida enquanto grandeza, não se deve descartar o fato de que foram poucas as regiões que conseguiram números positivos em 1992.

É evidente, e já foi devidamente salientado em outras análises, que o efeito favorável da safra agrícola sobre o desempenho da indústria gaúcha foi seu grande fator dinamizador. E, nesse caso, o Rio Grande do Sul beneficiou-se da proximidade que existe entre os Setores Primário e Secundário na estrutura de sua economia, o que não ocorre em outras regiões. Isso fica ainda mais claro quando se avaliam os desempenhos dos gêneros que compõem a indústria de transformação gaúcha, através do exame da Tabela 2.

Os gêneros que tiveram destaque ao longo do ano foram mecânica; química; perfumaria, sabões e velas; e fumo, este com uma *performance* fora de qualquer padrão dos últimos anos. Com exceção do terceiro gênero listado, todos apresentam, no caso da indústria gaúcha, ligação muito forte com o Setor Primário, seja como fornecedores de insumos e equipamentos, seja como transformadores dos produtos derivados da produção agrícola.

² Deve-se ter presente que boa parte das empresas e da classe média ainda guarda a lembrança do bloqueio monetário do Plano Collor e, sempre que vislumbra algo semelhante, transforma suas poupanças em ativos com proteção a calotes públicos. Ver, a esse respeito, os recordes de vendas de automóveis e caminhões no mês de março.

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção industrial, acumuladas no ano, do total da indústria de transformação e dos gêneros no Rio Grande do Sul — 1992

DISCRIMINAÇÃO	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAIO	JAN-JUN	JAN-JUL	JAN-AGO	JAN-SET	JAN-OUT	JAN-NOV	JAN-DEZ
Indústria de transformação	-0,71	8,77	9,58	5,64	4,68	3,58	0,74	-0,16	-0,51	-0,85	0,18	1,85
Minerais não-metálicos	7,82	11,29	11,48	8,78	9,68	6,47	4,84	4,31	3,34	2,66	4,69	5,87
Metalúrgica	14,18	25,22	21,97	11,16	4,35	1,26	-0,79	-3,49	-0,54	-4,69	-3,37	-2,35
Mecânica	33,48	39,88	34,97	31,00	27,23	15,27	8,16	5,17	2,89	1,79	1,48	3,71
Material elétrico e de comunicações	-34,41	-30,76	-21,76	-20,60	-22,05	-21,62	-20,70	-21,25	-15,04	-18,08	-14,61	-11,41
Material de transporte	-31,80	-16,99	-18,09	-25,05	-20,50	-22,02	-22,32	-22,34	-24,42	-22,76	-18,69	-14,04
Papel e papelão	-13,16	-2,33	-1,72	-2,46	-1,93	-1,84	-4,59	-5,06	-3,59	-4,46	-3,84	-2,46
Borracha	-10,16	-1,94	8,68	1,17	0,77	1,07	-3,82	-4,39	-3,98	-5,28	-5,43	-5,43
Química	-17,91	9,62	16,78	19,35	13,88	10,31	12,20	12,00	11,72	11,69	13,15	14,3
Perfumaria, sabões e velas	6,07	26,54	14,68	7,08	4,78	2,30	2,81	1,48	1,86	1,65	4,17	5,13
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	-11,23	4,37	1,89	-1,65	-2,84	-2,19	-2,18	-3,29	-2,86	-3,14	-2,08	0,57
Produtos alimentares	-5,34	-2,30	-2,83	-4,73	-4,62	-2,53	-4,34	-4,27	-3,61	-2,63	-1,29	0,79
Bebidas	5,42	8,38	8,85	-0,53	3,05	0,19	-21,13	-19,48	-20,13	-19,37	-18,16	-16,41
Fumo	13,95	8,75	18,27	14,56	19,17	26,73	32,77	34,67	34,47	33,73	33,05	32,37

FONTE: IBGE.

NOTA: As taxas refletem a variação do período do ano de 1992 em relação ao mesmo período de 1991.

É de se ressaltar a concentração elevada de taxas de crescimento do gênero mecânica nos primeiros quatro meses do ano — acima de 30% —, período mais intenso de produção voltada para a colheita da safra de verão e plantio da safra de inverno. A partir de maio, verificaram-se taxas positivas cada vez menores, que chegaram a pouco mais de 2% em setembro e outubro, terminando o ano com 3,71%.

Por outro lado, material elétrico e de comunicações; material de transporte; e bebidas foram gêneros de péssimo desempenho. Apesar de todos apresentarem o mesmo movimento de recuperação no final do ano, detectado para o total da indústria gaúcha e também para o da brasileira, encerraram 1992 com taxas negativas, que oscilaram entre 11% e 16%.

O caso de material de transporte merece ser comentado, pois a defasagem entre o desempenho nos níveis regional e nacional chama atenção. Mesmo reconhecendo que a estrutura do gênero gaúcho é bastante distinta da do brasileiro, deve-se destacar que o Estado aproveitou os estímulos que vieram do acordo da indústria automobilística — enquanto supridor de autopeças —, mas a boa safra agrícola não foi suficiente para evitar a queda da produção na área de caminhões e carroçarias frigorificadas, o que acabou por influenciar negativamente os índices do gênero gaúcho.

Já material elétrico e de comunicações e bebidas apenas refletiram regionalmente o mesmo movimento ocorrido a nível nacional.